

# De Sinhozinho, só mesmo o nome

O nome é **Sinhozinho**, de Nova Russas, vizinho a Crateús, no Ceará, mas costumam chamá-lo de Antônio Galdino Pereira. Tudo em sua vida é trocado e quando se acerta "o depois passa à frente do antes". Homem do campo em sua terra, chegou ao DF há 30 anos para trabalhar na construção civil. Ficou 10. Não agüentou e tem passado os 20 restantes outra vez como agricultor. Já teve "chácara boa" mas o banco tomou tudo. Agora que a Emater o ensinou a "segurar as coisas não tem o que proteger". Possui área de 2 ha, mas trabalha 9 de propriedade do pastor Jonhson Gallbar.

Sina pior que a sua só a de Domingos Vitorino da Costa, "nascido e criado em Laje da Jibóia, sem família e quebrado pela idade e pelas doenças", embora conte somente 55 anos. Foi o primeiro colocado na prova prática entre os candidatos a

áreas no Combinado Agrourbano, onde a terra seria sua. Perdeu "nas outras perguntas". É "índio goiano", não se adaptando à vida comunitária. Vive de empreitadas nas terras que os outros ganharam para cultivar. Trabalha meia hora "mas logo tem de se deitar". Suas forças só dão para isso.

## COMUNIDADE

**Sinhozinho** colhe em sua horta 1 mil molhos de couve por semana, enquanto o vizinho Sebastião colhe apenas 150. Os dois se dão bem, trocando idéias e emprestando defensivos, adubos e ferramentas que o outro não tenha. Sebastião diz ser desaforo um cearense produzir mais que goiano em sua terra. Queria ver **Sinhozinho** produzir como no Ceará. Ele diz que "se lá tivesse água, produzia até mais".

Nos 10 primeiros anos **Sinhozinho** diz ter mexido com

"gericões de concreto", ficando enjoado depois. Voltou à lavoura e "foi viver da verdura", a princípio com uns japoneses, como empregado. Depois ganhou do Incra uma parcela de 3 ha. Construiu casa, comprou semeadoras, adubos e maquinaria com financiamento do Banco Bandeirantes.

"Descontrolou-se e quebrou". O banco tomou tudo. Invadiu área na Ceilândia. Fez sua lavoura e conseguiu cadastrar-se como proprietário no Incra. Tornou a vender e comprou 2 ha de cascalho "que nem o diabo quer", em Laje da Jibóia. Talvez fique trabalhando para o pastor já que a terra dele é melhor que a sua, "não fosse o jeito americano".

Espera voltar aos "dias de glória" vendendo a produção na feira. Agora tem o pessoal da Emater para orientá-lo, dizendo a hora certa de fazer investimentos e "até onde pode ir", mas principalmente cuidando para que não "estoure" tudo que ganhar.

## TATU

Domingos acha "ter falado demais", quando foi entrevistado para receber a gleba no combinado. Disse ser capaz de descobrir um tatu só pelo cheiro. Ou falado de menos, "já que se enrola na presença de gente estudada". Seu forte são a enxada e o ancinho, "mesmo assim tendo de descansar uma hora ou outra".

Nos ambientes de "conversas comunitárias" as reuniões costumam ser feitas com as pessoas sentadas no chão e formando um círculo, conforme ouviu dizer. Para ele, "reunião de rodinha" são os comunistas que fazem. Sabe por um proprietário que leu livro sobre o assunto em Itaparica, na Bahia. O livro, segundo Domingos, "parece coisa da Emater", já que fala em histórias de bois que não "usam as vacas", jegues, matança de porco e até de peixes.

O supervisor da Emater, João Pires, diz que Domingos é o espelho fiel do pequeno produtor. Reage a tudo que cheira novidade, com o agravante de viver em área rural "colada" ao Palácio do Governo, sendo daí para pior o que se encontra no restante do País. As reações ao associativismo somente agora começam a cair. Antes só havia o medo.



Domingos Vitorino ficou de fora do Agrourbano